

**Germinio José da Silva Junior**



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
[germiniojr@gmail.com](mailto:germiniojr@gmail.com)

**Denise Aparecida Brito Barreto**




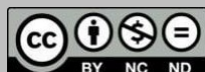
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
[deniseabrito@gmail.com](mailto:deniseabrito@gmail.com)

Submetido em: 24/08/2023

Aceito em: 09/09/2023

Publicado em: 27/09/2023

 [10.28998/2175-6600.2023v15n37pe16143](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2023v15n37pe16143)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA ATUALIDADE DIGITAL E CONTINGENTE

## RESUMO

Esse texto objetiva apresentar um estudo bibliográfico acerca das relações entre senso comum, poder, discursos circulantes, Representações Sociais e TIC/TDIC na sociedade contemporânea. Afirma-se que o senso comum e as sociorrepresentações, no mundo virtual, são lastreados pelas identidades e pertencimentos, assim, o discurso torna-se o próprio saber/poder formatado, dado que o conhecimento, dentro dos agrupamentos, socioafetivos e sociocognitivos, é sistematizado por seu próprio discurso. Conclui-se que as Representações Sociais influenciam e norteiam o comportamento do indivíduo, na mesma medida em que o agrupamento induz e direciona o comportamento do sujeito agrupado.

**Palavras-chave:** Representações sociais na atualidade virtualizada. Grupos virtuais e senso comum. Discursos e relações de poder. TIC/TDIC e representações sociais.

## SOCIAL REPRESENTATIONS IN THE DIGITAL, AND CONTINGENT REALITY

## ABSTRACT

This bibliographic study discusses common sense, power, circulating discourses, Social Representations and ICT/TDIC in contemporary society. The common sense and socio-representation, in the virtual world, are spread by identity and belonging, thus, the discourse becomes the formatted knowledge/power itself, given that knowledge, within the socio-affective and socio-cognitive groupings, is systematized by its own discourse. It is concluded that the Social Representations influence and guide the behavior of the individual, to the same extent that the grouping induces and direct the behavior of the grouped subject.

**Keywords:** Social representations in the virtualized days. Virtual groups and common sense. Discourses and power relations. ICT/TDIC and social representations.

## REPRESENTACIONES SOCIALES EN LA REALIDAD DIGITAL Y CONTINGENTE

## RESUMEN

Este estudio bibliográfico discute el sentido común, el poder, los discursos circulantes, las representaciones sociales y las TIC/TDIC en la sociedad contemporánea. El sentido común y la socio-representación, en el mundo virtual, están respaldados por la identidad y la pertenencia. Se concluye que las Representaciones Sociales influyen y guían el comportamiento del individuo, en la misma medida que la agrupación induce y dirige el comportamiento del sujeto agrupado.

**Palabras Clave:** Representaciones sociales en el presente virtualizado. Grupos virtuales y sentido común. Discursos y relaciones de poder. TIC/TDIC y representaciones sociales.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Moscovici (1978), em sua pesquisa doutoral, na sociedade parisiense, acerca da representação, ao não conseguir enquadrar o seu objeto de pesquisa — senso comum propagado pela imprensa de massa e “cientificizado” pelas pessoas agrupadas — naquelas ideias vigorantes sobre representação, repensa aquelas compreensões, e as refaz, em novas concepções teóricas. Desse modo, a nova teorização *moscoviciano* desponta como a teoria sucessora as Representações Coletivas *durkheimianas* — aquelas que são estáveis e transmissíveis, aquelas que são generalizações de como se processam os pensamentos dos indivíduos e em suas relações com objeto representado, nos grupos, na sociedade, aquelas que sobreviveram como uma certa hegemonia até a metade de século XX, sofrendo, então, duras críticas entre os anos de 1950 e 1960 no meio acadêmico e social (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

Serge Moscovici, com a publicação, na França, no ano de 1976, de sua tese de doutorado: *La psychanalyse – son image son public*, provê os primeiros pressupostos teorizados, e as prévias definições e diferenciações, teórico-conceituais, entre e a novíssima concepção, as Representações Sociais, e o entendimento existente, a representação *per se* — perspectivas de representação que demarca e delimita o que é constructo sobre a realidade e o que é fato real, o que é *saber, conhecimento científico-positivista*, e o que não é saber, senso comum (LOPES, 2017). Convém, evidenciar que o importante passos à frente, *moscoviciano*, em direção ao rompimento com a determinística representação *per se*, foi propor estudos que associassem os aspectos psíquico-individuais agregados as perspectivas participativo-sociais. Ainda, nesta mesma publicação inicial, apresentando o necessário *corpos* empírico/científico suficiente para esquadrihar o seu objeto de pesquisa, Moscovici (1978), consegue demonstrar, e evidenciar, cientificamente, as confluências e convergências entre essas duas áreas, até então distintas. Promovendo, destarte, a Teoria e Método das Representações Sociais, ao *status* de teoria psicossocial.

Aqui, faz-se necessário mencionar, também, Denise Jodelet, pesquisadora das Representações Sociais e uma das principais expoentes dessa teoria — referindo-se na Abordagem Sociogênico/Processual. Jodelet (2001), pesquisa as relações sociais pelo viés da linguagem e da comunicação, ela estuda como esses artefatos afetam as representações criadas e proferidas pelos indivíduos assujeitados. Ao afirmar que os sujeitos agrupados em pertencimentos concebem o objeto socialmente representado, de

maneira *socioafetiva* e *sociocognitiva*, Jodelet (2001), contribui, significativamente, para o assentimento, consolidação e disseminação das Representações Sociais como teoria e métodos estabilizados.

Destarte, com base em especialistas, sobre essa temática, como Moscovici (1978), Jodelet (2001), Alves-Mazzotti (2008), Rateau, Moliner, Guimelli e Abric (2012), Abric (2001), Bomfim e Von Czékus (2022), Lima e Gusmão Andrade (2010), entre outros, pode-se delinear o senso comum como uma consubstanciação de opiniões, princípios e comportamentos que circulam nos grupos, esses que são propagados pelos indivíduos assujeitados ao agrupamento, os quais refletem suas condutas e valores como sujeito agremiado em pertencimentos. Ainda, o senso comum pode ser descrito como o discurso da experiência, das manifestações da oralidade, das transmissões pelo saber popular, esses que são fundamentados, nas, e pelas, afetividades dos sujeitos agremiados (SILVA JUNIOR, 2023, p. 32).

A par disso, e desprovendo-se de detalhes e aprofundamentos, pode-se apresentar as Representações Sociais como o *senso comum* científico pelo diapasão psíquico e social (MOSCOVICI, 1978). Ou melhor descrevendo, as Representações Sociais são arquétipos interpretativos de mundo que, por meio de etiquetas identificadoras do objeto representado, constituindo-se, assim, em afetos e pertencimentos entre as pessoas agrupadas, representam a realidade. Ao conectar o sujeito a um dado grupo, e o agrupamento ao mencionado sujeito, as Representações Sociais se tornam úteis ao grupo por alicerçar saberes socio-grupais, bem como, por compreender, explicar e repassar a frente saberes sobre a realidade, vivência e ideologia daqueles agrupados (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Adverte-se, ainda, que ideias/saberes antagônicos podem coexistir dentro de um mesmo grupo, exemplificando o poder de amalgamador das Representações Sociais; isso porque os grupos são constituídas de socio-afetividades, (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008). Assim, o grau de credibilidade e aceitabilidade da representação pode variar de acordo com o prestígio e a influência que o emissor da ideia/saber possui dentro dessa coletividade (SILVA JUNIOR, 2023, p. 32–38). Desse modo, a sociorrepresentação sobre um dado objeto tornam-se “mais ou menos verdades”, para o grupo, ao encontrar lastro nos afetos, nas “ideologias”, nas vivências e afinidades da coletividade constituída; ou seja, baseado em irracionalidades — estima, sentimentos, simpatia, antipatia, entre outras emoções (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008).

A fim de mencionar o poder que o senso comum possui dentro dos agrupamentos constituídos em socio-afetividades e socio-cognitividades, bem como demonstrar a sua

capacidade em sedimentar informações/conhecimentos/saberes, cita-se as “teorias terraplanistas” sobre a circunferência do Planeta Terra, essas que são aceitas e difundidas em alguns grupos, inclusive em grupos de pessoas escolarizadas, *versus* as teorias científicas copernico-galilalistas sobre o mesmo objeto socialmente representado, a circunferência da Terra (SILVA JUNIOR, 2021a). Aqui, não julgando o mérito da representação acerca do modo arredondado da crosta terrestre, mas ressaltando a anuência socio-grupal, respaldada como informação verídica fundamentada no saber do grupo (SILVA JUNIOR, 2023). Isso acontece porque que tal informação/conhecimento/saber foi concebido, validado e compartilhado pelos sujeitos agrupados em pertencimentos, influências e estimas; ou melhor articulando essa afirmação de outra maneira, o saber foi compartilhado por um de seus amados e prestigiado pares dentro do agrupamento (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008; MOSCOVICI, 1978).

Fez-se necessário, ainda que introdutoriamente, lembrar esse percurso teórico-conceitual, bem como versar sobre a ascensão e consolidação das Representações Sociais, com a finalidade de enfatizar que essa teoria converge esforços investigativos na busca de compreensões das relações humanas em contextos psicossocial. Esse argumento também serve para justificar o desenvolvimento deste *paper* como estudo bibliográfico, pois o mencionado artigo busca problematizar as interrelações humanas na atual Modernidade Líquida, virtual, digitalizada e contingente (BAUMAN, 2001).

Aqui, precisa-se buscar no sociólogo, Bauman (2001), a devida compreensão de Modernidade Líquida; o conceito se referêcia em uma nova época social em que as conexões coletivas estão embricadas nas relações socioeconômicas, em uma sociedade frívola de produção e de consumo desenfreado, em uma modernidade dos avanços tecnológicos das Tecnologia(s) (Digitais) da(s) Informação(ões) e Comunicação(ões) (TIC/TDIC) que tem instigado relações interpessoais céleres e fugazes, entre outros aspectos que têm/vêm corrompido a Modernidade Sólida. Segundo Bauman (2001), a Modernidade Líquida se contrapõe à Modernidade Sólida, era essa em que as relações humanas eram mais fortes e duradouras, solidamente reforçadas por outros princípios e pressupostos, bem diferentes dos praticados na Modernidade Líquida. Ainda, segundo Bauman (2001), por esse motivo, as relações humanas estão cada vez mais fragilizadas, prófugas, maleáveis e imediatistas; tal como um líquido mesmo, flúido, de fácil manejo, contido, somente, de acordo com as circunstâncias e as situações, e que se permite facilitadas manobras e manipulações (BAUMAN, 2001).

Desse modo, afinando que as Teorias e Métodos das Representações Sociais são constructos psicossociais concebido pelos sujeitos para se “ler o mundo e representá-lo”, podendo inclusive, enxergar, significar e compreender essas “novas” relações humanas que se tornaram liquefeitas pela modernidade atual (SILVA JUNIOR, 2023, p. 24-32). Destarte a essas afirmações, e com base nessas justificativas, anuncia-se que as Representações Sociais se tornam, então, perfeito arquétipo para responder a seguinte questão de pesquisa: como o senso comum, que é socioafetivo e sociocognitivo, consubstancia-se em verdade absoluta e, conseqüentemente, propicia lastro de poder e influência ao ser transmitido e perpetuado pelos discursos circulantes nos agrupamentos constituídos por sociopertencimento, admiração, estima e afetos? Ratifica-se que o principal objetivo desse estudo não é suscitar resposta determinística ao questionamento feito, ou mesmo propor soluções imediatistas à problemática posta, posto que se sabe que é problemática complexamente enviesada e heterogenia, mas, sim, propor reflexão, ainda que não conclusiva, e, principalmente, suscitar mais questionamentos que provoquem outras e mais reflexões sobre essas necessárias, urgentes, atuais e multifacetadas questões sociais que emergem da Modernidade Líquida atual (BAUMAN, 2001).

Face ao exposto, esse texto organiza-se da seguinte maneira: após estas considerações iniciais, apresenta-se o percurso metodológico, em seguida, os pesquisadores explanam sobre a sociedade, o senso comum e o poder dos/nos discursos, ao que, no tópico seguinte, apresenta uma discussão e análise sobre a constituição das representações sociais nas sociorrelações da modernidade virtualizada, digital e contingente. Em seguida, os pesquisadores, não terminando ou encerrando a discussão problematizada sobre esses embricados objetos pesquisados, mas, com base no referencial teórico, eles tecem considerações possíveis para o momento, fechando, assim, com o tópico intitulado de considerações finalísticas.

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

De acordo Gil (2010), a investigação qualitativa configura-se em uma técnica mais flexível de análise e entendimento aprofundado sobre o fenômeno pesquisado, inclusive, que aprecia a ideia de intensidade qualificativa/valorativa. Ainda, sabe-se que ao longo dos anos muitas pesquisas, pela abordagem e método das Representações Sociais, foram realizadas pelo mundo, desse modo, essa teoria foi-se consolidando com o devido

respaldo científico. Também, por isso, essa investigação, que é bibliográfica, de natureza qualitativa, é parte constituinte de um estudo maior, tratando-se, portanto, de um recorte de uma pesquisa fundamentada em autores como Moscovici (1978), Jodelet (2001), Rateau, Moliner, Guimelli e Abric (2012), Alves-Mazzotti (2008), Oliveira (2016), Foucault (2014; 2010), Freire (2005), entre outros expoentes teóricos que dão sustento aquela pesquisa empírica. Assim, o que esse estudo busca é alargar o mencionado debate, esse na esfera das Representações Sociais, acrescentando, então, novas discussões ao investigar os agrupamentos digitais na atualidade virtualizada, instável e contingente.

Logo, perante esses fatos e argumentos, propõe-se um estudo que se possa analisar as seguintes sociovariantes representativas e psicossociais: os novos fenômenos sociais e o *modus operandi* socioindividual de se organizar, coletivamente, as TIC/TDIC<sup>1</sup> em suas redes de influências, virtualizadas e liquefeitas, que majoram as sociorrelações pela atual modernidade contingente, cibernética e digital (BAUMAN, 2001). Assim, as tramas propostas a se discutir e estudar, nesse artigo, são: a estruturação do tecido societal nos agrupamentos, o senso comum e o poder de influência e persuasão dos discursos circulantes perante os grupos e as coletividades virtuais, esses que são constituídos em dominantes sociorrepresentações.

Sabe-se que os objetos de pesquisas, proposto para essa discussão bibliográfica, são abrangentes, contudo, eles também estão imbricados uns nos outros. Ademais, por esse motivo, carecia-se de escolher uma abordagem e método de pesquisa que, igualmente, abrangentes fossem — como as Teorias e Métodos das Representações Sociais. Desse modo, a partir da assertiva: as Representações Sociais são socioafetivas e sociocognitivas por essência (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 1978), a presente investigação buscou produzir conhecimentos diante da apreensão, análise e compreensão — investigativo-bibliográfica — acerca das interrelações grupo-sociais. Também, por meio da depuração das imagens socioafetivas e sociocognitivas, objetivou analisar os significados e significações produzidos pelas ações, reações e influências de agentes humanos dentro dos agrupamentos constituídos em parcerias, afinidades e pertencimentos.

---

<sup>1</sup> Aqui, nesse tópico que deve versar sobre metodologia, faz-se necessário, abrir esse parêntese para afirmar que as TIC/TDIC são definidas como a coletividade de recursos tecnológicos integrados entre si por meio de hardware, software (aplicativos e aplicações), internet, telecomunicação, automação, web/rede, smartphones e outros; as TIC/TDIC tem o claro objetivo de transmitir informação e gerar comunicação (SILVA JUNIOR, 2021c). Ainda, afirma-se que as TIC/TDIC estão presentes em vários setores da sociedade como, por exemplo, nas máquinas e na automação da indústria, no gerenciamento de publicidade/propaganda, assim como em informação simultâneas e imediatas do comércio (SILVA JUNIOR, 2023).

Assim, com nessa pesquisa bibliográfica espera-se compreender e interpretar a realidade posta pela virtualização das relações sociais na modernidade líquida e contingente. E, para sumarizar, portanto, afirma-se que neste artigo busca propor caminhos, indicar paralelos, convergências e divergências, bem como alvitrar debates e entendimentos que contemplem as questões suscitadas nas referidas temáticas problematizadoras da realidade; tudo isso com base nos aportes provenientes das Representações Sociais, pela Abordagem Sociogênica/Processual, essa que tem como base os estudos da comunicação e linguagem humana (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008; MOSCOVICI, 1978).

### 3 A SOCIEDADE, O SENSO COMUM E O PODER NOS DISCURSOS

Fundamentado em sua tese de doutorado, Moscovici (1978), ao perceber e descrever uma representação como sendo um constructo psicossocial — diferente da representação *per se* — nesse ato de teorizar sobre esse assunto, o cientista investigativo da Psicologia Social cria as Representações Sociais, assim, ressignificando o conceito de representação daquele tempo. As diversas abordagens das Representações Social — processual, estrutural, societal e dialógica — buscam entender como as pessoas constroem significados, através de processos de representação mental, e compreendem o mundo social ao seu redor (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008; MOSCOVICI, 1978).

Assim, as sociorrepresentações criadas pelos sujeitos sobre um determinado objeto, dentro dos grupos, possuem as seguintes tarefas/encargos: função saber, relacionado ao objeto representado, função de orientação e direcionamento da conduta socio-grupal, função de justificação das ações dos sujeitos e a função de gerar e sedimentar identidades sujeito-individuais e grupo-coletivas (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008; MOSCOVICI, 1978). Face ao exposto, neste *paper*, pesquisa-se as Representações Sociais, pelo viés Sociogênico/Processual, com o intuito de distinguir e definir as vinculações e interdependências do artefato de representação — objeto de pesquisa: a sociedade, o senso comum, o poder e as influências, os discursos circulantes, as Representações Sociais, os grupos constituídos em socio-afetividades e socio-pertencimentos e as TIC/TDIC na Modernidade Líquida — nos/pelos sujeitos agrupados (JODELET, 2001).

Sabe-se que, para Jodelet (2001), as Representações Sociais são transmitidas pela linguagem, a qual não é desinteressada, imparcial ou indiferente, mas constantemente enodada por poderosos, específicos e influentes discursos dominantes (FREIRE, 1992; 2005). O senso comum, termo reificado, com base nas Representações Sociais de Moscovici (1978), justifica-se nos grupos pelo poder socioafetivo e sociocognitivo que ele exerce sobre as pessoas agrupadas (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008). Desse modo, nesse tópico, busca-se problematizar como esses discursos são confeccionados e distribuídos nos grupos sociais? Como se disseminam as informações entre os membros destas sociedades? Como os conteúdos culturais são produzidos, reproduzidos e repassados? Como os discursos são criados e sustentados como as verdades absolutas para um dado agrupamento? De onde e como estas incondicionais verdades surgem e se sustentam, coletivamente? Em síntese, como as influências contidas nos discursos circulantes são construídos, impostos, disseminados nos discursos dominantes — circulantes e periféricos — proferidos nos agrupamentos de pessoas?

Começa-se explorando a origem do termo *societas* — do latim, associação com outros. Os seres humanos que, inicialmente, agremiaram-se em torno de um pacto animalesco e instintivo, com o intuito de assegurar a sobrevivência da coletividade, evoluíram e ampliaram o termo *societas* para algo mais complexo que um mero agrupamento de animais de uma mesma espécie (MICHAELIS, 2023). Apesar de a princípio este termo estar muito imbuído de instinto natural, foi evoluindo, paulatinamente, e passou a referir as mais multifacetadas configurações sociais e plurais sociedades que se amoldam e se apresentam atualmente (SILVA JUNIOR, 2021a).

Acredita-se que a *communitas* — do latim, compartilhamento ou pessoas que comungam semelhanças, dividem espaços, ideias, linguagem e cultura — foi o elemento gerador das grandes sociedades modernas, como também, o inverso pode ser verdade (MICHAELIS, 2023). Deste paradigma, fica evidente que a cultura desempenha papel fundamental na sociedade, isto é, cumpre a função de sedimentar os grupos e os indivíduos, pois a cultura é verdadeiro mecanismo de coesão e organização social (DURKHEIM, 1975).

O advento da sociologia como ciência, com o intuito de compreender estas associações de indivíduos e seus pares, tencionou interpretar, e tentar explicar, as múltiplas configurações e reconfigurações sociais que foram se formando ao longo da biografia humana. Sociedades com culturas diversificadas e complexas, com vários sistemas institucionais de organização, de influência, de poder, de controle dos grupos



sobre os indivíduos e das manifestações persuasivas dos indivíduos sobre estes agrupamentos de pessoas, formando, assim, uma simbiose de confluências que se tornou essa nossa sociedade moderna da atualidade (SILVA JUNIOR, 2021a).

Durkheim (1975), em seus estudos sociológicos, separa as sociedades em dois grandes grupos: a pré-capitalista, Sociedade de Solidariedade Mecânica, primitiva, com maior igualdade entre os membros, menor complexidade de funções e desempenho de tarefas; e a pós-capitalista, Sociedade de Solidariedade Orgânica, marcada pela divisão do trabalho, pelo desempenho de funções complexas e membros interdependentes (SILVA JUNIOR, 2021a).

A macro sociedade é definida, de acordo com algumas autoridades no assunto, como Bauman (2001), como liquefeitas; filtradas pelo espectro do tempo e de contextos sociais diversos (DURKHEIM, 1975). Inclusive, permeadas pelas lutas de classes, conforme Marx (2011), e de poder e influência, na visão de Foucault (2010). Sociedades essas que são multifacetadas, complexas e plurais (DURKHEIM, 1975). Diante dessas inferências iniciais, reafirma-se os esforços deste tópico se concentram no desvelamento dos funcionamentos e desdobramentos da sociedade “fim-de-século” — de solidariedade orgânica — com suas diferentes comunidades e grupos categorizados, muito mais complexos e extensos que qualquer outro agrupamento social visto na história humana.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que as macros sociedades se caracterizam, intimamente, por numerosos e distintos sistemas de pensamentos filosóficos, culturais, religiosos, políticos etc. Elas encontram na linguagem/comunicação um poderoso amálgama de todas estas massas identitárias, organizadas em função da identificação e influências da cultura, da identidade, de suas representações e dos meios de se propagarem estas Representações Sociais (ALVES-MAZZOTTI, 2008). Ainda, afirma-se que a linguagem na sociedade performa profundo controle articulador perante as Representações Sociais concebidas e proferidas por seu povo, pelos indivíduos assujeitados ao grupo e pelos grupos em suas micro comunidades, sociocoletivamente construídas (ALVES-MAZZOTTI, 2008). Isso porque, é a linguagem que nomeia, que recorta, que combina, que articula e desarticula as coisas, tornando-as visíveis na transparência das palavras (OLIVEIRA, 2016).

Dessa maneira, afirma-se que em um agrupamento social o senso comum pode se constituir pelo conglomerado de informações, de conhecimentos e de saberes, estabelecidos afetivamente e propagados pelas pessoas agrupadas (SILVA JUNIOR, 2023). Assim sendo, e para delimitar contornos, afirma-se que a **informação** é qualquer mensagem comunicativa que confirma e propaga um anunciado; já o *conhecimento* está

fundamentado na prática cultural e social dos grupos organizados (OLIVEIRA, 2016). É interessante ressaltar que o conhecimento não depende de escrita para sua transmissão, mas de signos para torná-lo significativo, isto é, apenas a comunicação pode ser suficiente para transmiti-lo. Oliveira (2016) afirma que estes argumentos sobre o conhecimento são fatos consumados, posto eles serem visíveis a qualquer indivíduo que possa enxergá-los.

Logo, o **conhecimento** *converte-se em um conjunto de elementos formados por uma prática discursiva que é indispensável à constituição do saber*. Recorrendo a Foucault (2014, 2010) para definir conhecimento, ele o esquematiza como *o resultado das relações de poder nos diversos segmentos da sociedade*. Tal conhecimento perpassa pelo crivo dos interesses — individuais e/ou de uma coletividade — no tempo, nos contextos culturais e sociais que os produzem e os reproduzem naquele e para aquele dado momento (OLIVEIRA, 2016). Assim que o conhecimento é transformado em saber do senso comum, ele é legitimado pelo agrupamento constituído, por isso, socialmente aceito. Com isso, o saber do senso comum é copiado, imitado e repassado por/pela coletividade de indivíduos agremiados como ideia representativa, comum e uníssona (OLIVEIRA, 2016). Desse modo, consubstancia-se, socialmente, em verdades grupo-sociais (MOSCOVICI, 1978).

Conforme afirma Foucault (2014, 2010), o conhecimento advém do contexto das sociedades e pode ser mutável aos mandos e desmandos dos seres que detêm o poder, e se refestelam nele, em intransigências absolutistas, nas esferas sociais superiores. É interessante ressaltar que o *conhecimento oriundo de esferas superiores se torna sinônimo do saber grupo-social*, assim, atua como ferramenta cultural de massificação deste entendimento, pois conhecimento e saber são considerados como verdade para o grupo que o dissemina como verdade e o perpetua como senso comum (OLIVEIRA, 2016). O discurso, portanto, *torna-se o saber*, ou seja, o conhecimento sistematizado por seu próprio discurso em si, e não pelo objeto de seu conhecimento (SILVA JUNIOR, 2023). Com isso, prevalece a máxima de que “quando todos pensam iguais, só um sujeito pensou com antecedência”.

Foucault (2014, 2010) destaca que as informações são transmitidas pela linguagem e comunicação, transformadas em conhecimento social que se equiparam ao saber do senso comum; infere-se, portanto, que o conhecimento-saber estão imbricados nos discursos e todo discurso é considerado mecanismo de perpetuação de poder e influências sobre as pessoas e outros discursos (SILVA JUNIOR, 2023). Infere-se, também, que esse senso comum é tido como verdade aceita e fundamentada pelo grupo,

sendo assim, uma forma de manipulação advinda das teias que aprisionam e influenciam o pensamento alheio; algumas vezes, alienando e alijando o sujeito do próprio pensar individual, posto que um de seus pares já o fez. Freire (2005) complementa esse axioma afirmando que em nossas sociedades os discursos não são neutros, eles estão sempre encharcados dos juízos e ideologias de seus falantes e imbuídos de ideias que propositam influenciar para convencer e dominar seus ouvintes.

Aumentam essas discussões sobre as representações e o senso comum, consubstanciados em verdade, Foucault (1986; 2010) e Oliveira (2016), auxiliam os pesquisadores na seguinte afirmação: “a linguagem social se torna o próprio discurso e o discurso se transfigura na própria representação do conhecimento em si”. Este mesmo conhecimento que foi construído coletivamente — ou não —, mas que se torna a representação de uma coletividade, de uma sociedade micro, de um grupo, de uma tribo (FOUCAULT, 2014; 2010). Além disso, as práticas discursivas do saber, que se consubstanciam no senso comum, carregam em si os enunciados característicos dos indivíduos e grupos (MOSCOVICI, 1978). Estas práticas são percebidas nas estruturas linguísticas que são proferidas por estes indivíduos e contêm os significados, culturalmente aceitos pelos pares deste sujeito e pelo grupo a que este indivíduo se sujeita.

Foucault (2014; 2010) e Oliveira (2016), ao aprofundarem em suas publicações que o poder é exercido por meio do controle, da vigilância, das proibições e das coerções, concluem afirmando que o poder é elemento constitutivo e de formação de discurso, seja ele econômico, científico, cultural ou educacional. Desse modo, cabe assegurar que o poder pode se ramificar para as relações sociais dos indivíduos, bem como para as diversas camadas dos grupos construídos coletivamente e sedimentados pelas Representações Sociais, propagadas pela linguagem e comunicação sobre um objeto socialmente representado indivíduo/coletivamente dentro de agrupamento constituído em Representações Sociais (FOUCAULT, 2014; 2010; OLIVEIRA, 2016).

## **4 A CONSTITUIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS SOCIORRELAÇÕES DA ATUALIDADE VIRTUALIZADA, DIGITAL E CONTINGENTE**

Pelo que foi discutido até o momento, é notório que o senso comum é parte integrante dos discursos e, conseqüentemente, das Representações Sociais. Isso é fato

consumado por estudos realizados por *experts*, consolidados, no assunto. Bem como é sabido que as Representações Sociais se constituem em um processo psíquico em que o sujeito desenvolve uma série de conexões e interações uns com os outros e com os objetos de interesse/alvos da representação (JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008; MOSCOVICI, 1978).

Nos grupos os sujeitos adquirem opiniões, juízos, princípios e deixam opiniões, juízos e princípios próprios que serão assumidos pelo coletivo. Os objetos representados podem já fazerem-se pré-existentes, no agrupamento, ou podem ser trazidos de fora, por um indivíduo influente, por exemplo. Desta forma, um objeto socialmente representado deixa de ser o objeto original, o do início da socio-interação, e se converte em um novo objeto, produto das combinações, das interações e interrelações com o universo social (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Por conseguinte, seguindo esta linha de raciocínio, as Representações Sociais poderiam ser definidas como: uma construção mental, criada por imagens socioafetivas e sociocognitivas, pelo sujeito, com o intuito de compreender o real; ou seja, o ato de “etiquetar” o objeto da representação social, esse ainda “sem etiqueta”, para assim conseguir se comunicar com os outros sujeitos agremiados em pertencimentos e representações, na realidade socio-grupal, por meio das “etiquetas” representativas (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008). Logo, as Representações Sociais são conhecimentos adquiridos, sociocognitivamente, pelas interações sociais, orientando para a prática social, para a comunicação e para a compressão de contextos sociais (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001; ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Cabe fazer um destaque especial para enfatizar a sociedade na atualidade. Destaca-se que a atual era, de plena e imediata informação e comunicação, não tem precedentes na história vivenciada pela humanidade. A sociedade de hoje é marcada por suas interrelações permeadas pelos céleres intercâmbios comunicativos, promovidos pelas Tecnologias (digitais) da Informação e Comunicação (TIC/TDIC) de rápidas conexões em redes; as quais são experienciadas por todos os indivíduos, que queiram existir e precisam se comunicar, nessa coletividade “fim-de-século” (SILVA JUNIOR, 2021b; 2021c; 2022; 2023). Nessa sociedade as comunicações são imediatas, de simplificada transmissão, de propagação em massa e de acesso instantâneo — armazenadas em bancos de dados acessíveis a muitos destinatários, síncrona e/ou assincronamente. Portanto, pode-se afirmar que essa revolução comunicativa, integrada e responsiva, promovida pela internet, nesse tempo contingente e liquefeito, é

incomensurável (BAUMAN, 2001; SILVA JUNIOR, 2021c). E, nesse emaranhado socio virtual as representações se tornam as significações individuais e/ou constructos sociogrupais sobre um dado objeto; isto é, elas existem e se inserem nos grupos pelas relações socioafetivas de prestígio e influência entre os seus membros agrupados, ainda que virtualmente. Podendo, inclusive, resultar em uma individualidade identitária que, por sua vez, influência e/ou é influenciada pelas representações pré-existentes no grupo (ALVES-MAZZOTTI, 2008).

Aqui, cabe discutir como a sociedade da atualidade se tonou virtualizada, digital e contingente. Começando pelos primórdios, afirma-se que a Revolução Industrial se caracterizou pela transição da produção de bens e artefatos, antes confeccionados de maneira artesanal, para os novíssimos procedimentos fabris, de confecção de produtos e de bens manufaturados, em processos mecânico/tecnológicos em larga escala e de produção controlada; momento esse que motivou as pessoas a migrarem do campo para as cidades e aglomerações urbanas (SILVA JUNIOR, 2021c; 2022; 2023). Bem como, o capital, as tecnologias e a internacionalização da economia, mais conhecida como a globalização dos mercados, iniciaram suas primeiras mudanças sociotrabalhistas da Revolução Industrial e suas fases/etapas (SELL, 2017).

A primeira onda da Revolução Industrial se processou no século XVII (1780 a 1860, carvão e ferro), já a segunda, entre os anos de 1840 até 1914, movida pelo aço e pela eletricidade (SELL, 2017). Assim, formando a base para criação e expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A onda seguinte, a terceira, foi marcada por bens e serviços intangíveis, tecnologia e *softwares* que se configurou como base para criação e expansão das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Conclui-se, portanto, que as TIC/TDIC<sup>2</sup> são exemplos das contínuas mutações na sociedade, provocadas pelos avanços tecnológicos, a mando do capitalismo em sua expansão (SILVA JUNIOR, 2021C).

Além disso, pode-se depreender que os sintomas provocados pelas mudanças nos modos de trabalho e formação profissional afetam toda a constituição do tecido social. Dessa forma, afirma-se que a Revolução Industrial promoveu a consolidação do capitalismo, mundialmente; do mesmo modo que se pode afirmar que o capitalismo moderno, como sistema econômico de hegemonia mundial, é proveniente da ascensão,

---

<sup>2</sup> Todas estas considerações sobre a revolução que as TIC/TDIC provocaram e provocam na sociedade e no meio profissional trabalhista, ainda não levam em conta a gestão das mudanças advindas do *home office* decorrente da pandemia global que obrigou o trabalho, na modalidade remota, devido ao vírus Sars-Cov-2 no decorrer do *lockdown* sanitário (SILVA JUNIOR, 2021c; 2023).

capilaridade e poder ideológico derivado da Revolução Industrial (SELL, 2017). Mesma capilaridade e poder transformador que promoveu a atual revolução das TIC/TDIC (SILVA JUNIOR, 2023).

Essas mutações na sociedade, de ordem econômica, que foram acontecendo paulatinamente, afetaram a vida e o *modus operandi* do viver em comunidade, além de influenciarem não apenas as relações de consumo — compra e venda e as antigas barganhas por serviços — mas, também, a sociedade e as relações sociais (BAUMAN, 2001; GARUTTI; MACHADO, 2019). Inclui-se neste debate a visão lucrativo-capitalista do potencial que a educação como serviço, poderia proporcionar (GARUTTI; MACHADO, 2019; SILVA JUNIOR, 2021b; 2021c; 2022, 2023). Reafirma-se que estas mudanças produziram e produzem significativas alterações nas sociedades, as quais reverberam e são sentidas nos dias liquefeitos e contingentes de hoje em dia (BAUMAN, 2001).

Ramos, Silva Junior e Barreto (2022) abordam esses assuntos pelo viés tecnológico/comunicativo — célere trânsito de dados, opiniões e informações, entre os sujeitos nos meios/redes sociais de conversação e informação (redes sociais, aplicações digitais, conteúdos virtuais, telefones móveis e *smarts et al*) — práticas sociais da atualidade, distintas e diversas em razão da contínua e exacerbada dependência e exposição constante nas redes digitais; essas que têm entusiasmado práticas dialógicas novas e diferentes formas de interlocução comunicativa. Assim, as Representações Sociais, também, nesse mundo virtual, *unem as pessoas, assim como modula comportamentos, ideias, além de guiar e definir afinidades, pertinências e pertencimentos nas comunidades virtuais digitalizadas* (SILVA JUNIOR, 2023). Não obstante, essas comunicações, embevecidas de discursos diversos, buscam influenciar e formar — muito das vezes formatar — os pensamentos alheios (SILVA JUNIOR, 2023).

As recentes provocações suscitadas por Ramos, Silva Junior e Barreto (2022) e por Silva Junior (2021c), ao afirmarem que os discursos, influências, propagação e perpetuação do poder foram exponenciados pelo novíssimo fenômeno das redes de comunicação em massa, de interação digitalizada, proveniente das TIC/TDIC — Tecnologias Digitais essas que estão presentes na maioria dos *smartphones*, que proporcionam imediata e responsivas interações e comunicação por meio de recursos como *WhatsApp, Facebook, Telegram, Twitter, Instagram, TikTok*, entre outros — fundamentam-se em Foucaut (1986; 2010) e suas discussões sobre o domínio e a colonização do pensamento alheio pelo poder. Assim, assevera-se que as redes sociais, legitimadas pelas Representações Sociais, tornam-se um verdadeiro celeiro de influência, poder e até alienação de uns indivíduos sobre outros assujeitados, socialmente (SILVA

JUNIOR, 2022; 2023). Ainda, pode-se afiançar que, de certo modo, as Representações Sociais, propagadas nos grupos virtuais, refletem diretamente sobre os agrupamentos sociais do mundo real, não existindo mais a barreira entre o virtual e o real, provocando, assim, a materialização destes discursos na realidade concreta vivenciada pelos sujeitos agrupados digitalmente (SILVA JUNIOR, 2023).

Esse argumento se justifica posto que, do mesmo modo como no mundo real, no virtual, também, as Representações Sociais são formadas pelos discursos do senso comum circulante nas redes de relacionamento e afeto; inclusive, tornando ideias que são antagônicas entre por si — e às vezes até *no sense* — como hegemônicas para um dado agrupamento. A título de exemplificação, somente para citar alguns discursos *no sense*, temos a representações do senso comum proferidas pela família tradicional reacionária que pede menos direitos humanos e solicita o fim do Poder Judiciário Nacional em favor de mais “direitos constitucionais”; são as mesmas pessoas que conclamam pela dissolução do Congresso Nacional em nome da “democracia e de mais direitos sociais”, o mesmo agrupamento que peticiona o retorno da Ditadura Militar em nome da liberdade de expressão. Inclusive, nessa caótica conjunta da atualidade, também, apresenta-se o desproposital caso das pessoas que professam uma religiosidade fundamentalista cristã, contudo, defendendo o armamento de “irmãos em Cristo” a arvorar-se contra outros irmãos por meio da violência. Destarte, como pano de fundo deste cenário apoteótico, apresenta-se o poderio do senso comum em perpetrar como verdade as suas falas influentes e suas ideias homogeneizadoras pelo sentimento de pertencimento e identidade das Representações Sociais (SILVA JUNIOR, 2023).

Ainda se percebe as diversas narrativas “*no sense*” reacionárias, legitimadas nos agrupamentos sociovirtuais de pertencimentos, como as dos discursos percebidos nos grupos negacionistas, nos antivacinas, nos anticiências, nos terraplanistas<sup>3</sup>, nos xenofóbicos — inclusive xenofobia de brasileiros (sulistas) contra outros também brasileiros (nordestino). Enfim, todos esses agrupamentos que pregam a subjugação, o aniquilamento e o linchamento dos Movimentos Sociais, do pensamento democrático e progressista, dos diferentes<sup>4</sup> em posicionamento e condições sociais.

Cita-se, provenientes das redes socio virtuais, outra consequência do poder pernicioso do senso comum e seus impactos nefastos na sociedade concreta, esses que

---

<sup>3</sup> Ver mais em: 11 MILHÕES de brasileiros [...] (2021).

<sup>4</sup> Ver mais sobre esse tema em *Talking about human formation at the interface with identity and difference*, de Silva Junior e Barreto (2021), artigo que discute a formação humana na interface com a identidade e a diferença e o propósito da formação educacional plena do ser, para proporcionar socialização e subjetivação aos indivíduos educandos.

pode ser observado pelo novíssimo fenômeno das *fakenews*<sup>5</sup> e sua disruptiva quebra das barreiras que separavam os agrupamentos virtuais dos grupos presenciais. Exemplifiquemos o caso das *fakenews* que influenciou a eleição do então candidato à presidência, Donald Trump, nos Estados Unidos, em 2016. Seguindo o mesmo procedimento da ideologia ultraconservadora, no Brasil, circularam *pseudos* discursos anticorrupção e pró-família tradicional. No país abaixo da Linha do Equador, as falas circulantes foram as do “messias” salvador da pátria contra os esquerdistas subversivos e o seu “kit gay” — mamadeira em formato de pênis — e o seu “kit satânico” — livro didático de bruxaria que seriam distribuídos nas escolas infantis, pelo Ministério da Educação (MEC)<sup>6</sup> — com o intuito demonizar os “comunistas vermelhos” em detrimento dos “patriotas verde e amarelo”. Discursos esse que impactaram, significativamente, as eleições presidenciais, em 2018, no Brasil, alicerçando uma eleição democrática, legitimada pelo voto popular, de um representante para o poder executivo, na esfera federal, que governou adotando práticas antidemocráticas<sup>7</sup> em vários momentos durante o seu déspota (des)governo; esse que tentou aniquilar, em vários momentos os diferentes<sup>8</sup>, os debates e o pensamento plural, ensaiando, assim, uma homogeneização nacional.

Afirma-se que a linguagem e a comunicação, nesta atualidade contígua, incentivada pelo “urgentismo” intrínseco à psiquê deste sujeito liquefeito pelo imediatismo, imprimiu uma maior participação e responsabilização das Representações Sociais nas criações, disseminação de posicionamentos e ideologias vinculadas ao senso comum. Destarte, nestes encontros e influências de um agrupamento a outros — virtuais ou não — vão se formando as opiniões do senso comum que podem se converter em Representações Sociais socioafetivas para toda uma comunidade; representações essas que são produzidas e socializadas, dentro de um nicho comunitário, linguístico e cultural (MARKOVÁ, 2006). Algumas dessas representações, como mencionadas aqui, contraditórias, vazias de valores democráticos, do respeito mútuo, da moderação e da temperança, entre outros aspectos importantes à convivência e harmonia social, as quais são premissas essenciais em sociedades democráticas, igualitárias, progressistas e que se dizem guiadas pela liberdade, igualdade e fraternidade comum. Axiomas importantes para qualquer sociedade que se autointitula democrática.

Todos os exemplos virtuais mencionados aqui repercutem e se concretizam na realidade vivenciada pelo indivíduo agrupado virtualmente — inclusive os discursos que

---

<sup>5</sup> Ver mais em: TSE faz campanha [...] (2020).

<sup>6</sup> Conferir em: Matsuki (2014).

<sup>7</sup> Ver mais em: Bolsonaro diz que entende [...] (2021).

<sup>8</sup> Conferir em: Bolsonaro critica ‘superpoderes’ a minorias [...]



minimizam a luta histórica da população negra por direitos e igualdades, disseminados pelo então presidente à frente da Fundação dos Palmares, de mente colonizada, que propagava nas redes sociovirtuais ojeriza a seus pares e autoaversão a sua cor de pele. Tudo isso só conseguiu alçar voos e tomar as proporções catastróficas em que se encontram hoje — mulheres machistas e misóginas, homossexuais homofóbicos, negros racistas, humanos contra os direitos humanos etc. — pela capacidade e competência das Representações Sociais em sedimentar discursos do senso comum e influenciar os mais diversos indivíduos e agrupamentos (SILVA JUNIOR, 2023). Diante da discussão levantada até o momento e para se apaziguar o juízo desse trágico e apocalíptico cenário — panorama esse que se tornou a nossa realidade virtual e contingente — retomamos Foucault (2010) para afirmar que a resistência ao poder é uma forma de enfrentamento do próprio poder, ou seja, uma transgressão ao *status quo*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINALÍSTICAS

Reafirma-se que o processo de construção e análise desse estudo bibliográfico sobre as Representações Sociais na sociedade liquefeita e contingente não caminhou, necessariamente, na direção de responder à questão de pesquisa, mas, de suscitar reflexões, mais provocações, problematizações e ainda mais questionamentos em torno dos embricados objetos pesquisados. Afinal de contas, são as perguntas que movem o mundo, não as determinísticas respostas *per se*. Assim, sobre os embaraçados elementos que, por ora, aparecem definidos, mas, não determinadamente conclusos, assegura-se que o principal motivo de criação deste artigo foi o de problematizar sobre as vinculações e a interdependência das temáticas envolvidas quais sejam: o senso comum, o poder, a sociedade, os discursos circulantes, as Representações Sociais, os grupos constituídos em socioafetividades, a modernidade líquida e contingente exponenciada pelas Tecnologias (Digitais) da Informação e Comunicação (TIC/TDIC).

Conclui-se, portanto, que as Representações Sociais não são apenas “opiniões sobre” ou meras “imagens de”, mas, uma doutrina imagético-comunicativa sobre o real, presente, também, no mundo digital, que influencia e movimenta toda uma sociedade constituída em pertencimentos e afetividades. Assim, na concepção e aquisição de um novo objeto social pelo indivíduo, uma nova representação é etiquetada em função de um objeto social antigo e análogo, já desenhado e compreendido, racional e afetivamente, pelas representações dos/nos sujeitos agrupados. Disso se confirma que as oposições

entre o cognitivo racional e afetivo irracional são apaziguadas nas Teorias das Representações Sociais, do mesmo modo que as ideias teorizadas sobre o inconsciente devem ser convidadas à mesa deste debate para se estudar tais representações.

Assim, as Representações Sociais influenciam e norteiam o comportamento do sujeito, na mesma medida em que instigam e direcionam o comportamento do grupo. Ainda, mesclando discussões sobre o social e a psiquê, o sujeito, os grupos e o objeto, a linguagem e a comunicação, este estudo conclui que tudo isso se articula na situação social e no sistema cognitivo, utilizando-se de clichês — lugar-comum, pré-estabelecido e definido dentro do grupo — para valorar, avaliar e formar juízos e conceitos. Ao passo que o objeto é construído, desconstruído e reconstruído no imaginário dos indivíduos — os elementos do ambiente, os costumes do/no grupo ditarão o comportamento dentro da microssociedade constituída legitimará, também, se o indivíduo é pertencente ao grupo ou não.

Ainda, este texto finaliza afinando que i) o sujeito/indivíduo, cognitivamente, produz/reproduz as Representações Sociais cheias de pertencimento; ii) a linguagem social se converte no próprio discurso, iii) o discurso se transfigura na imagética representação do conhecimento, consubstanciando-se, dessa maneira, iv) o senso comum e as Representações Sociais em verdades absolutas para os indivíduos agremiados em identidade e pertencimento; v) o poder é elemento constitutivo e de formação de discursos, vi) o discurso, portanto, torna-se o próprio saber, posto que o conhecimento, dentro dos agrupamentos socioafetivos e sociocognitivos, é sistematizado por seu próprio mecanismo discursivo. E, por fim, afirma-se que as Representações Sociais influenciam e norteiam o comportamento do sujeito, na mesma medida em que induzem e direcionam o comportamento do grupo sobre o objeto, tornando-se, com isso, uma simbiose de forças e influências que envolvem o sujeito, o grupo e o próprio objeto representado.

## REFERÊNCIAS

**11 MILHÕES de brasileiros acreditam que a terra é plana, diz Datafolha.** [S. l.]: Isto é, 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/para-milhoes-de-brasileiros-a-terra-e-plana/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ABRIC, Jean-Claude. O estudo experimental das representações sociais. *In*: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 155-171.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais - aspectos teóricos e aplicações à educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008. Disponível

em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/ML/article/view/1169>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, ISBN-10:8571105987, ISBN-13:978-8571105980, 2001.

**Bolsonaro critica ‘superpoderes’ a minorias e ataca movimentos sociais**. [S. l.]: Veja, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-critica-superpoderes-a-minorias-e-ataca-movimentos-sociais>. Acesso em: 12 fev. 2023.

**BOLSONARO diz que entende atos antidemocráticos como liberdade de opinião**: no cercadinho do Palácio da Alvorada, o presidente afirmou que apenas o governo federal pode ser alvo de atos antidemocráticos. Carta Capital: Estadão Conteúdo, 2021. Disponível em: [https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-entende-atos-antidemocraticos-como-liberdade-de-opiniao/#google\\_vignette](https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-entende-atos-antidemocraticos-como-liberdade-de-opiniao/#google_vignette). Acesso em: 12 ago. 2023.

BOMFIM, Natanael Reis; VON CZÉKUS, Walter Garrido. Representações sociais sobre o futuro de jovens periféricos e suas contribuições às práticas socioeducativas. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 60, n. 63, 2022. DOI: 10.21680/1981-1802.2022v60n63ID27188. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/27188>. Acesso em: 7 jan. 2023.

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (1986)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARUTTI, Selson; MACHADO, Rafael Pires. Concepção de trabalho em Marx: A questão da luta de classes. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 34, 2019. Edição Especial. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/2823>. Acessado em 00/00/2021. Acesso em: 15 de jun. 2021.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos em pesquisa**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JODELET, Denise (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LIMA, Maria Aldecy Rodrigues; GUSMÃO ANDRADE, Erika dos Reis. Os ribeirinhos e sua relação com os saberes. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 38, n. 24, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4027>. Acesso em: 7 fev. 2023.

LOPES, Ricardo Cortez. Diálogos possíveis entre Teoria das Representações Sociais e Pós-Estruturalismo. **II Simpósio de Pós-Estruturalismo e Teoria Social**: Ernesto Laclau e seus Interlocutores, Pelotas-RS, 25 a 27 de set. 2017. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2017/10/Ricardo-Cortez-Lopes.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2021.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e Representações Sociais**: As dinâmicas da mente. Tradução: Hélio Magri Filho. Ed. Vozes, 1ª ed. (ISBN-10:8532633978, ISBN- 978-8532633972). 1 janeiro 2006.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I (1867): O processo de produção do capital (Coleção Marx e Engels); Tradução: Rubens Enderle. Ed. Boitempo, 2ª ed. (ISBN-10:8575595482, ISBN-13:978-8575595480), 1 mar. 2011.

MATSUKI, Edgard. **Governo distribui kit satânico em escolas públicas através MEC**. [S. l.]: Boatos.org, 2014. Disponível em: <https://www.boatos.org/politica/boato-governo-distribui-kit-satanico-em-escolas-publicas-atraves-mec.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MICHAELIS. **Communitas**. Michaelis Uol: Editora Melhoramentos Ltda., 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/jWX5/comunidade/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MICHAELIS. **Societas**. Michaelis Uol: Editora Melhoramentos Ltda., 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/societas/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Zahar: Rio de Janeiro, 1978.

OLIVEIRA, Jane C. Conhecimento, currículo e poder: um diálogo com Michel Foucault. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 23, n. 2, p. 390-405, jul./dez. 2016| Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6544>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

RAMOS, Igor; SILVA JUNIOR, Germinio José, BARRETO, Denise Aparecida Brito. A escola e a formação humana no contexto das tecnologias digitais: a identidade e a diferença nas redes sociais. In: BARRETO, Denise; CARDOSO, Marteleite; CARMO, Rogerio (Org). **Letramentos, linguagem & tecnologia**. 1. vol. 02. Editora Pontes. Campinas, SP. 2022 p.217-237.

RATEAU, Patrick; MOLINER, Pascal; GUIMELLI, Christian; ABRIC, Jean-Claude. Social Representation Theory. In: VAN LANGE, Paul A. M.; KRUGLANSKI, Arie W.; HIGGINS, Tory (org.). **Theories of social psychology, Vol II**. London: Sage, 2012. p. 477-497.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**: Marx, Durkheim e Weber. Petrópolis: Vozes, 2017. ISBN: 978-85-326-5611-7.

SILVA JUNIOR, Germinio José da. BARRETO, Denise Aparecida Brito. *Talking about human formation at the interface with identity and difference*. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 2, n.1, e12781, p. 1—6, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/jrks/article/view/13060>. Acesso em: 15 de dez. 2021.

SILVA JUNIOR, Germinio José da. Discussões sobre sociedade, educação, currículo, avaliação da aprendizagem e relações de poder. **Ensino em Perspectivas**, v.2, n.2, p. 1—17. **2021a**. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4973> . Acesso em: 15 de ago. 2021.

SILVA JUNIOR, Germinio José da. Ensino de inglês em franquias: um olhar educacional sobre os dados, informações e conhecimentos advindos de outra área de conhecimento. **VIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional (Gepraxis)**, Vitória da Conquista-BA, v.8, n.10. **2021b**. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9663>. Acesso em: 15 de ago. 2021b.

SILVA JUNIOR, Germinio José da. O trabalhador de aplicativo de mobilidade urbana sob demanda: recrutamento, seleção e decisão. **Revista de Administração Unimep (RAU)**, v.19, n.2, p. 187—203, **2021c**. Disponível em: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/1826>. Acesso em: 15 de ago. 2021.

SILVA JUNIOR, Germinio José da. *Perceived quality in English-speaking franchised educational services*. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. 00, e022080, jan./dec. 2022. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v26i00.16776>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/16776>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SILVA JUNIOR, Germinio José da. **Formação Inicial e as suas implicações na profissão docente**: Representações Sociais de professores de língua inglesa e as interconexões com a profissionalização. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGE/UESB), Vitória da Conquista, p. 196. 2023. Disponível em: [http://www2.uesb.br/ppg/ppged/wp-content/uploads/2023/05/GERMINIO\\_JOSE\\_DA\\_SILVA\\_JUNIOR\\_2023\\_FORMACAO\\_INICIAL.pdf](http://www2.uesb.br/ppg/ppged/wp-content/uploads/2023/05/GERMINIO_JOSE_DA_SILVA_JUNIOR_2023_FORMACAO_INICIAL.pdf). Acesso em: 29 de abr. 2023.

**TSE faz campanha contra a desinformação**: “Se for fake news, não transmita”. Brasília/DF: Tribunal Superior Eleitoral, 2020. Setor de Administração Federal Sul (SAFS). Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2020/Julho/tse-faz-campanha-contra-a-desinformacao-201cse-for-fake-news-nao-transmita201d>. Acesso em: 12 fev. 2023.